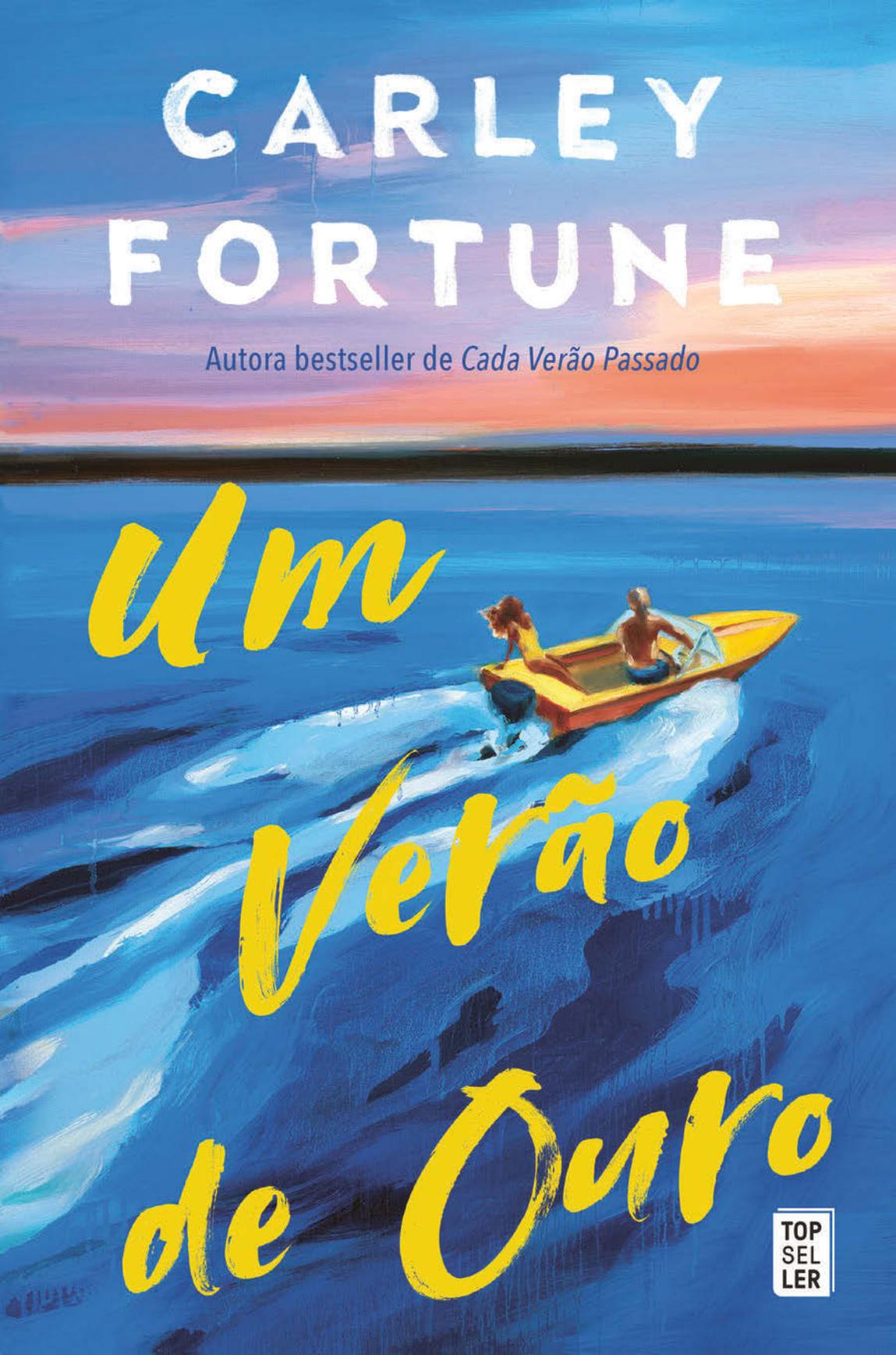


# CARLEY FORTUNE

Autora bestseller de *Cada Verão Passado*

Um  
Verão  
de Outro

A painting of a man and a woman in a yellow boat on a blue sea at sunset. The man is in the driver's seat, and the woman is leaning over the side. The sky is a mix of blue, orange, and pink, and the water is a deep blue with white wake.

TOP  
SEL  
LER

*Até ao lago, às colinas, ao céu*

## Prólogo

Uma ótima fotografia faz-nos pensar que conhecemos o sujeito, mesmo que nunca o tenhamos visto. Uma ótima fotografia alcança-nos e puxa-nos para aquele momento, para que o possamos sentir, cheirar e saborear. E esta é, em todos os aspetos, uma ótima fotografia.

Eu olho para ela e, sem mais nem menos, volto a ter 17 anos.

Ouço-os do outro lado da baía. Estamos no final do verão, e aquelas três vozes são-me tão familiares quanto o peso da câmara entre as minhas mãos. O rapaz mais velho está a chamar os outros dois: o seu irmão e a rapariga, que estão deitados de barriga para baixo, em fato de banho, na plataforma flutuante.

Tenho estado na cabana desde o final de junho, vendo-os nadar, namoriscar e voar pelo lago na sua lancha amarela. São todos lindos. Tão bronzeados e livres.

Sobem para o barco. O mais velho é quem conduz. O seu irmão e a rapariga sentam-se na parte da frente. Eu fico de pé na orla do cais, ajustando as definições de sensibilidade à luz.

Acontece no mais ínfimo instante.

Ouço o barco. Os seus risos sobre o som do motor. Levanto o olhar e vejo-os a vir na minha direção. Escondo-me por detrás da lente. Eles entram no enquadramento.

*Clique.*

## Sexta-feira, 13 de junho

São cinco das mais deslumbrantes mulheres que alguma vez vi. Não tem que ver com a iluminação ou com o tempo que passaram na cadeira da maquilhadora. São os sorrisos genuínos nos seus rostos. A ventoinha está ligada, a música está alta e a editora de fotografia solta *ohs* à medida que as imagens surgem no ecrã do meu computador. Não preciso de olhar para saber que estão espetaculares. Consigo senti-lo de cada vez que pressiono o obturador.

Ir-me-ei abaixo mais tarde, sozinha no meu apartamento vazio, mas agora estou no meu elemento. Quando estou atrás da lente, consigo arrancar um sorriso matreiro ou uma ligeira inclinação do queixo. Eu é que mando. É uma das razões pelas quais tenho trabalhado tanto ultimamente. Eu *preciso* desta sensação. O zumbido de um estúdio a funcionar na perfeição é o meu vício.

A mulher mais nova está na casa dos 20 anos, a mais velha na dos 70, e nenhuma delas é modelo profissional. Demorei a conquistar a sua confiança quando elas chegaram ao meu estúdio. Se há alguém que compreende o nervosismo que sentimos quando vamos ser fotografados, sou eu. Agora, as mulheres dançam e posam em fatos de banho sem qualquer réstia de embaraço. As suas estrias, rugas e celulite estão expostas, como emblemas das suas vidas, veneradas em cada foto.

— Vai ser impossível fazer a seleção — diz a Willa, a editora de fotografia, quando terminamos. Estamos lado a lado, vendo as imagens no meu computador. As melhores serão publicadas na *Swish*, uma revista semanal de moda lançada nesta primavera. — Há tantas fotografias fantásticas, Alice.

— Ainda bem que gostaste — respondo, radiante. Nunca tinha trabalhado com a Willa, e quero impressioná-la. A *Swish* é distribuída com o maior jornal do país, e os meus amigos do ramo não param de falar sobre isso. Este é o meu primeiro projeto para a revista e quero que seja um sucesso. Trabalhar com revistas não é muito bem pago, mas é bastante mais criativo do que aquilo que faço para os meus clientes comerciais; e também é cada vez mais raro.

Paro numa fotografia da Monica, que foi mãe há pouco tempo e era a pessoa do grupo que estava mais nervosa. Tem a cabeça inclinada para trás e os braços abertos. É um momento de pura alegria.

— Temos duas semanas para submeter — diz a Willa.

— Não há problema. — Não é preciso editar grande coisa. O projeto foi-me descrito como uma sessão fotográfica «refrescantemente verdadeira», com «pessoas comuns» a apresentarem os fatos de banho. É mais um dos motivos pelos quais eu estava entusiasmada com este trabalho: não era necessário fazer uma edição agressiva. — Vou só corrigir os cabelos despenteados e as imperfeições. Vai ser rápido.

— Bem, talvez tenhas de fazer mais do que isso. — A Willa baixa a voz. — Quero manter a autenticidade, mas digamos que os altos e baixos são mais uma *sugestão* de celulite. Tenho a certeza de que vais conseguir fazer a tua magia.

O meu sorriso desvanece. Dava para encher um dicionário com os eufemismos que já colecionei sobre alterar digitalmente o corpo feminino. Já me pediram que tornasse as mulheres mais agradáveis, apelativas, envolventes, sedutoras, atraentes, e, pura e simplesmente, mais fodíveis. Mas nunca me pediram que *sugerisse* celulite.

— Pensava que querias que isto fosse *refrescantemente* verdadeiro — digo calmamente, como se não estivesse pronta para atirar a minha câmara à parede.

— Quero dizer, sim, *sem dúvida* — continua a Willa. — Representar diferentes tipos de corpo é excelente, mas temos de os limpar.

Nem pestanejo por detrás dos meus óculos tartaruga. À superfície, sou o profissionalismo em pessoa. Amansei os meus caracóis ruivos num rabo de cavalo elegante. A minha maquilhagem é mínima, mas eficaz. Não há uma única lasca no meu verniz vermelho-rubi. Mas, por dentro, estou a desmoronar.

Não é a primeira vez que me pedem para fazer algo do qual discordo. Ser fotógrafa por conta própria significa que, por vezes, tenho de ceder, fazer compromissos ou pôr de parte as minhas crenças e visão para agradar aos clientes. Só que isto acontece mais vezes do que eu gostaria, nesta fase da minha carreira.

— Tu é que decides — digo à Willa, com um aperto no peito. — A revista é tua.

Não sou uma pessoa combativa, mas, mesmo que fosse, já estou demasiado desgastada para discutir. Estar *ligada* o dia inteiro requer muita energia, e eu tenho estado ligada há tanto tempo que suspeito que o meu botão de desligar esteja avariado.

E não fui a única a reparar nisso. Na semana passada, encontrei-me com a Elyse, a minha brilhante professora que se tornou mentora e agora amiga, para tomar café, e ela disse-me que eu parecia um fantasma. Eu tivera o sonho na noite anterior, aquele em que estou a ser perseguida, e estava ainda mais esgotada do que o habitual.

«Tu és excelente a captar a luz interior», disse ela. «Mas temo que tenhas perdido a tua. Recupera-a, Alice. Quero ver-te brilhar.» A Elyse aconselhou-me a abrandar.

Pela primeira vez, ignorei o seu conselho. O trabalho é o que me tem mantido à tona durante os últimos seis meses. Ou, pelo menos, isso era o que eu pensava. Mas assim que a Willa se vai embora, sou

assolada pelo cansaço. Sento-me no chão do estúdio, pressionando as pontas dos dedos contra as têmporas. Aceitei muitos projetos para me manter ocupada, mas aceitei este por mim própria. E saiu-me o tiro pela culatra.

Aquilo de que preciso é uma noite de folga. Apenas uma noite em que me enrosque com o computador, a editar até me arderem os olhos. Passar umas horas a fingir que não tenho prazos a cumprir, esquecer a exposição coletiva em agosto e o olhar preocupado da Elyse quando me viu. Preciso de uma noite em que definitiva e absolutamente *não* vou pensar no Trevor, e essa noite será hoje. Vou sair com a minha irmã mais velha.

Por fim, levanto-me do chão. Estou a trancar a porta quando o meu telemóvel vibra com uma sucessão de mensagens. Sei que é ela antes de tocar no telemóvel. A Heather conversa quase exclusivamente em mensagens sucessivas.

PREPARA OS TEUS SAPATOS DE FESTA! Acabei de nos arranjar uma mesa no Jaybird.

Espera, tu tens sapatos de festa, sequer?

Eu compro-te um par quando te for buscar.

Estou a escrever-lhe uma resposta quando recebo outra mensagem. Mas, desta vez, não é da minha irmã.

## 2

**É** uma mensagem do meu pai, na conversa de grupo da família Everly.

A Nan foi levada de ambulância.

A minha avó Nanette Everly, a quem todos chamam Nan, sempre foi a minha maior apoiante. Eu era uma criança pequena quando ela reparou na minha veia criativa, e alimentou-a como se se tratasse de uma das suas peónias. Quando eu tinha 6 anos, levava-me à Galeria de Arte de Ontário para termos aulas de desenho. Sentávamo-nos por entre as esculturas de Henry Moore, com os blocos no colo, experimentando com sombras, formas e linhas. Ensinou-me a usar uma máquina de costura quando eu tinha 11 anos. Ofereceu-me a minha primeira câmara no secundário. Sempre tentei imitar a sua atitude, a forma como ela faz com que todos ao seu redor se sintam compreendidos. A Nan é mais prática do que um mapa, e tem o dom de conseguir tirar o melhor partido de uma má situação. Admiro-a tanto quanto a amo.

Portanto, quando ela caiu na aula de dança e fratura a anca, a saída com a minha irmã transforma-se numa estada no Hospital Sunnybrook. Enquanto a Nan é submetida a uma artroplastia

da anca, eu limpo a minha agenda para poder ajudá-la a recuperar. Eu sou a melhor opção. O meu pai está a meio da seleção do júri, e a Heather ainda tem menos tempo livre. É advogada, como o nosso pai, e é mãe solteira. Os nossos irmãos mais novos, que são gémeos, o Luca e a Lavinia, são... bem, são o Luca e a Lavinia. Amo-os infinitamente, mas têm 24 anos e levam a sério os seus papéis como bebés da família.

Na manhã em que a Nan tem alta do hospital, a Heather vai comigo para me ajudar a levá-la para casa.

— Meninas, vocês têm mais que fazer do que mimar-me — diz a Nan, enquanto a guiamos até casa com o seu novo andarilho. Para alguém com 80 anos, que saiu de uma cirurgia há trinta e seis horas, aparenta estar bem. Vai arranjar o seu curto cabelo branco uma vez por semana, anda sempre bem-vestida e mantém-se ativa. A sua postura é impecável. Dou por mim a endireitar os ombros sempre que estou na sua presença, até mesmo agora.

— Neste momento, não tenho — diz a Heather. — Mas terei de voltar ao tribunal esta tarde.

— Já eu, estarei à tua disposição — digo-lhe.

A Nan franze a testa.

— Não me agrada a ideia de estares aqui presa comigo, Alice. Devias estar a viver a tua vida.

— Qual vida? — murmura a Heather.

— Eu gosto de estar aqui — respondo, ignorando a minha irmã. — Sabes que adoro esta casa.

A Nan vive em Leaside, um bairro abastado no centro de Toronto. Durante aqueles primeiros anos caóticos depois de os gémeos terem nascido, eu e a Heather dormíamos em casa da Nan e do avô mais frequentemente do que nas nossas próprias camas. A nossa casa ficava apenas a umas ruas de distância, mas eu gostava mais desta. As peónias roliças que ladeiam o caminho até à entrada. As cortinas em padrão de cornucópia feitas à mão sobre as janelas de vitral.

A campainha que toca como que a anunciar um casal casado de fresco. Consegue ouvir-se o seu som estrondoso em todos os cantos do edifício georgiano em tijolo vermelho, mas, para mim, é o som da calma e do sossego. Sem bebés aos gritos. Sem uma mãe sobrecarregada. Um quarto só para mim.

— Deixa-me subir as escadas sozinha — diz a Nan assertivamente quando a Heather a segura pelo cotovelo.

A Nan não costuma irritar-se, mas eu compreendo. Está habituada a viver sozinha desde que o avô morreu há vinte anos, e defende a sua independência que nem um dragão. Além disso, tinha planeado fazer um cruzeiro pelo Alasca na próxima semana. Se fosse eu, também estaria irritadiça.

— Coitada da Nan — sussurro enquanto ela conduz o andarilho sobre o limiar da porta.

A Heather abana a cabeça.

— Coitada de ti.

— Vai correr tudo bem.

Depois de uma boa noite de sono, a Nan voltará a sentir-se otimista e animada.

Mas, passados três dias, está ainda mais rabugenta. Nunca a tinha visto tão cabisbaixa. Na manhã em que o cruzeiro parte sem que ela esteja a bordo, o silêncio é mais taciturno do que as nuvens que escurecem o céu a ocidente. Ela nem tocou nas palavras cruzadas. Quando a chuva cai contra a janela, eu olho para ela. A Nan adora uma boa tempestade «revigorante», mas o seu rosto não se ilumina com a mais ínfima réstia de interesse. Sou apanhada de surpresa pela idade avançada que ela aparenta ter. Por vezes, apercebo-me de que o seu cabelo já não é cinzento, mas sim branco. Depois, lembro-me das peónias.

Saio de casa a correr, de pijama e com uma tesoura na mão, mas as flores já estão curvadas. Dezenas delas, cor-de-rosa e brancas, a beijar o solo, com gotas de água agarradas às suas pétalas. Em circunstâncias

normais, a Nan seria a primeira a vir cá para fora de roupão, antes de as primeiras gotas caírem: ela prefere ter as flores num vaso a vê-las murchar desta forma. Eu corto-as rapidamente, mas, quando regresso a casa com os braços cheios de flores perfumadas e com o cabelo molhado colado às bochechas, ela devolve-me um olhar vazio e diz:

— Não me apercebi de que estava a chover.

Tenho de resolver isto.

Quando a Nan se vai deitar para dormir uma sesta depois do almoço, eu sento-me no mesmo sítio onde me sentava quando era criança: no topo das escadas, a olhar para a parede de fotografias de família do outro lado do corrimão. Os primeiros passos da minha sobrinha. O jantar de comemoração de quando o Luca e a Lavinia terminaram o secundário. A Nan e o avô na cabana dos seus melhores amigos, em Barry's Bay. Eles costumavam ir lá visitar o John e a Joyce todos os anos. De todos os lugares do mundo, é o preferido da Nan. Eu passei apenas dois meses no lago, mas também me marcou a mim.

Fiz 17 anos nesse verão. Como presente de aniversário, a Nan ofereceu-me uma câmara: uma SLR muito boa. Tirei fotografia atrás de fotografia, aprendendo sozinha e tentando tornar-me cada vez melhor. Coloquei as melhores fotos num álbum que dei à Nan no nosso último dia na cabana. Agora, encontro-o nas prateleiras da cave e sento-me de pernas cruzadas na alcatifa vermelha.

Mesmo antes de abrir o álbum, recordo-me de tudo. A minha primeira vez longe de casa. O meu primeiro gostinho a liberdade. Dois meses a acordar com a luz do sol ondulado no teto, refletida pelo lago. Mergulhar do cais, depois nadar o mais longe possível abaixo da superfície. Churrascos no terraço. Cabelo sempre molhado. Projetos artísticos na casa do barco. Coletes salva-vidas vermelhos. Passeios de

canoa. Piqueniques na ilha. Os romances da Harlequin que eu tirava do esconderijo da Joyce. Protetor solar de coco, fatias de melancia e a minha túnica de praia em tecido felpudo. Os miúdos do outro lado do lago. E a sua lancha amarela.

Folheio pelas fotografias de margens e arvoredos, flores silvestres e rochedos, os gémeos, com as suas cabeças a baloiçar na água, fazendo com que fosse quase impossível distingui-los. Há uma que eu tirei a mim própria no espelho do quarto, com o cabelo encharcado. Pensei que era astuto: Alice do outro lado do espelho.

A maior parte das fotografias é da Nan. A minha musa original. A Nan a ler na cama de rede, com os gémeos enroscados ao seu lado. A Nan a costurar um rasgão nos calções da Lavinia, com os óculos pendurados na ponta do nariz. A Nan a remar numa canoa, acenando para mim, em terra, com um sorriso incandescente.

Na última página, está a fotografia que deu início a tudo o resto.

Tiro-a do plástico e estudo as faces de três adolescentes numa lancha amarela. Desde o momento em que tirei a fotografia, tenho andado a perseguir este tipo de perfeição numa imagem. A emoção. O movimento. A sensação de intemporalidade. Um verão inteiro a praticar, e tirei esta foto num dos meus últimos dias no lago. Ainda não consigo acreditar em quão bem os captei. Mesmo neste momento, consigo sentir o cheiro da gasolina, ouvir os seus gritos pela água.

O rapaz mais velho está ao volante e o mais novo olha para a rapariga, que sorri ao vento. A iluminação está linda, sem que eu a tenha alterado para servir a minha vontade. A imagem transmite inocência, genuinidade. Há anos que não a via, mas, por algum motivo, ainda me sinto profundamente ligada a estes três miúdos, preservados num verão sem fim.

Esta foto é o primeiro capítulo da minha origem, o início da minha relação amorosa com a fotografia. Foi o primeiro passo no caminho para me tornar a pessoa que sou hoje.

Volto à fotografia da Nan na canoa, com o seu sorriso brilhante, e uma ideia começa a tomar forma. Uma solução para curar a tristeza da Nan e tirá-la de casa. Uma mudança de cenário. Ar fresco. Céus intermináveis. Água resplandecente.

Uma segunda visita ao lago.

O nosso regresso a Barry's Bay.

## Quarta-feira, 18 de junho

**E**ncontro o número do John Kalinski na agenda da Nan. Não o vejo desde o funeral da mulher dele, há mais de dez anos, mas lembro-me bastante bem dele e da Joyce. Eles estavam entrelaçados na vida dos meus avós.

O John soa feliz por eu ter telefonado.

— Podem ficar lá o verão inteiro, se quiserem — diz, quando lhe pergunto se poderíamos arrendar a cabana durante duas semanas. Diz-me que há anos que tem andado a pensar em vendê-la; está desabitada.

A proposta apanha-me de surpresa: tanto a generosidade inesperada do John, como quão apelativo soa pôr em pausa a minha vida durante dois meses.

Quando conto a conversa à Nan à hora do lanche, ela não reage tão entusiasmadamente quanto eu esperava. Em vez disso, fica em silêncio durante um longo momento.

— O John assegurou-me que não havia problema — digo-lhe. — Ele não tem forma de visitar a cabana. Preferia que alguém estivesse lá alojado.

Depois, ela esboça um sorriso *verdadeiro*, pela primeira vez desde a cirurgia.

Eu faço as contas. Verifico a minha conta bancária. Examino as minhas faturas e fico surpreendida ao descobrir que já faturei mais do que durante todo o ano anterior. O lado positivo da separação é que tenho sido incansavelmente produtiva.

Penso na minha última conversa com a Elyse.

*Estás ainda mais pálida do que o habitual, Alice. Pareces um fantasma. Estou preocupada contigo.*

Posso dar-me ao luxo de fazer uma pausa. Mais importante que isso, talvez não me possa dar ao luxo de não o fazer.

Tudo vai ao lugar depois de eu telefonar ao John e lhe dizer que sim, que aceitamos ficar na cabana até ao final de agosto.

Consigo adiar muitos dos meus projetos e ajudo a encontrar outros fotógrafos para tratarem dos restantes. Encontro uma fisioterapeuta em Barry's Bay para ajudar a Nan, e a consulta de pós-operatório corre bem. O John dá-me o nome e o número do tipo que está a cuidar da cabana durante o verão; ele tem um conjunto de chaves suplente.

— Se precisares de uma mãozinha para tornar a cabana mais confortável para a Nan, decerto ele poderá ajudar — diz-me o John.

Enquanto marco o número, dou por mim a afundar-me nas memórias de Barry's Bay. Pores do sol cor de açafão. Pirilampas a cintilar ao anoitecer. O calor das tábuas de madeira do cais, queimadas pelo sol, sob os meus pés. Uma cabana de telhado vermelho sombreada por ramos verdejantes.

O devaneio termina de repente, quando a voz de um homem soa do outro lado da chamada.

— Que raio estás a fazer?

— Hum...

Ouvem-se mais gritos, agora abafados. Olho para o ecrã, para confirmar que marquei o número correto, e sim, marquei.

— Desculpe. Estou sim?

Estou prestes a desligar quando a voz me diz:

— Daqui é o Charlie Florek.

— Charlie, olá. Daqui é a Alice Everly.

Ouço um estrondo de metal a bater em metal. Um martelo, talvez.

— Só um segundo — diz o Charlie, irritado. Depois: — Pela última vez, Sam, podes pôr-te a milhas? Vais dar cabo disso.

Dou conta de uma resposta descontente, e o Charlie volta a dirigir-se a mim:

— Desculpe, quem fala?

— Alice Everly. Vou passar o verão na cabana do John Kalinski. — Tento falar por cima do barulho de fundo. Parece que ele está no meio de uma obra. — Liguei em má altura?

Dá-se uma longa pausa, com vozes masculinas a gritar, e depois o barulho para.

— Não, está tudo bem. Peço desculpa. — O Charlie aclara a voz. — Olá. Alice, certo? — Tem uma voz agradável. Grave, meio rouca quando pronuncia os erres.

— Certo.

Um detalhe sobre mim: no 9.º ano, parti o pulso na aula de Educação Física e passei vinte e quatro horas a aguentar a dor até finalmente dizer à minha mãe que *talvez* precisasse de ir ao médico. Não gosto de pedir ajuda, de incomodar as pessoas e de desperdiçar o tempo alheio. Esta chamada inclui os três: o Charlie está claramente ocupado.

Portanto, tento despachar isto o mais rapidamente possível.

— O John disse que poderias ajudar-me. Tenho uma lista de coisas a fazer na cabana, por causa da minha avó. Ela acabou de ser operada à anca, e eu...

O Charlie interrompe-me.

— Como estás?

— Desculpa?

— «Como estás?» — diz o Charlie, num tom divertido. — É o que se costuma perguntar quando alguém nos diz «Olá».

— Sim, está tudo bem, obrigada — respondo, ligeiramente apinhada de surpresa. — Seja como for, a minha avó...

O Charlie interrompe-me uma segunda vez.

— Eu também estou bem, Alice. Obrigada por perguntares.

— Certo. — Sinto o rosto a aquecer. Não me lembro da última vez que fui repreendida. — Ainda bem. Que estás bem. Estamos ambos bem.

Mais um detalhe sobre mim: quando não tenho a câmara nas mãos, é-me difícil falar. Com a minha família barulhenta e caótica, com desconhecidos, com diretores artísticos insistentes... É um dos motivos pelos quais adoro fotografar: é a única altura em que me sinto como uma mulher de armas.

Aclaro a garganta, tentando voltar ao assunto.

— Como estava a dizer, tenho algumas coisas que precisam de ser feitas na cabana antes de nós chegarmos, e queria saber se tu, ou alguém que conheças, poderia ajudar. Tenho uma lista. — Pego no meu caderno e começo a ler as tarefas. — Barras de apoio, mudar a mobília, tirar os tapetes...

— Alice. — O Charlie interrompe-me mais uma vez.

Eu inspiro fundo, começando a ficar irritada.

— Sim?

— Respira. Consigo sentir a tua ansiedade aqui em Barry's Bay.

— Estou a tentar não tomar muito do teu tempo — digo, incorporando o meu lado mais profissional e organizado. A Alice que sou por detrás da câmara. — Apenas quero garantir que tudo está adequado quando eu chegar com a minha avó. Se não me puderes auxiliar, não há problema algum. Mas talvez conheças alguém que possa.

Uma pequena gargalhada soa-me ao ouvido.

— Não te preocupes. Terei todo o gosto em prestar o meu *auxílio*. O John avisou-me sobre a cirurgia da tua avó. Posso tratar disso tudo.

Envia-me uma mensagem com a tua lista, e eu irei *garantir* que tudo está *adequado*.

Pestanejo.

— Estás a gozar comigo?

— Isso nunca me passaria pela cabeça — diz, mas consigo ouvi-lo a sorrir. Não, não é apenas um sorriso. É um *sorriso matreiro*. — Vem cá ter, Alice. Algo me diz que precisas mais de passar algum tempo no lago do que eu.

O martelar volta a soar como barulho de fundo e o Charlie pragueja.

— Até breve, Menina da Cidade.

E depois desliga.

Na noite antes de eu e a Nan partirmos, volto ao meu apartamento para fazer a mala. Quando a porta do elevador se abre no meu andar, encontro a caixa de cartão que deixei no corredor ainda no mesmo sítio. O Trevor está sempre a planear vir buscar as suas coisas, e depois cancela. O que resta de uma relação de quatro anos resume-se a um exemplar do livro *The Minimalist Entrepreneur*, uns auscultadores sem fios e uma meia de homem sem par. Empurro a caixa para dentro com o pé, ainda que preferisse atirá-la para o contentor do lixo.

Não que isso me ajudasse a esquecer. Cada canto desta casa tre-sanda ao Trevor. Quando ele se mudou para cá, renovámo-la em brancos e beges, mármore e vidro, tudo muito elegante e minimalista. Não costumava parecer tão despida; costumava fazer-me sentir em casa. Agora, tudo é uma lembrança do quanto eu lhe cedi. O sofá de um branco imaculado que comprámos depois de um *brunch* de domingo: eu queria algo fofo e macio, mas o Trevor adorou as suas linhas simples. A mesa de jantar de um só pé, em mármore branco, com as cadeiras desconfortáveis que ele escolheu. Era numa delas que eu estava sentada quando ele acabou comigo. Ele fizera o jantar

nessa noite. Foi há seis meses, e ainda consigo sentir o cheiro do *coq au vin*, que jamais voltarei a comer.

*Eu não sei como te fazer feliz, Alice. Tu sabes?*

Acabei de fechar a mala de viagem quando a campainha toca. A Heather chega numa nuvem de perfume intenso, trazendo consigo um suspeito saco de papel cor de laranja que empurra na minha direção.

— Isto é para ti.

Ir às compras é o passatempo favorito da Heather, e ela está sempre a comprar-me roupa. O fundo do meu guarda-roupa está a abarrotar com vestidos justos e blusas com decote, oferecidos pela minha irmã mais velha.

Eu espreito para dentro do saco, afastando o papel decorativo, que revela algo de seda verde-esmeralda.

— O que é isto?

— Não precisas de fazer essa cara. É um vestido.

Tiro-o do saco e ergo uma sobranceira.

— É um vestido *pequeníssimo*.

— Minúsculo. — A Heather sorri, e é como se o *flash* de uma câmara disparasse. A minha irmã sempre foi linda, mas o seu sorriso é tão radioso que quase chega a ser estonteante. — Verde é a tua cor, Tartaruga, e se não o puseres dentro da mala, ponho eu.

Um dos métodos através dos quais eu me rebelo contra o meu cabelo ruivo é ao *nunca* usar verde. A maioria das minhas roupas é de cores neutras, com uns toques de azul. Uns raros salpicos de amarelo. Pouseo o saco na bancada, sem fazer promessas.

Eu e a Heather temos olhos idênticos, castanho-avelã, mas as semelhanças terminam aí. Ela é uma exibicionista sem remorsos; eu prefiro passar despercebida. Saiu ao nosso pai na altura, confiança e cabelo cor de café, que lhe dá pelo queixo, e que faz parte das suas táticas de intimidação no tribunal. Eu ganhei a voz suave e caracóis ruivos da nossa mãe. A Heather é a rebelde, eu sou a certinha.

Ela é impulsiva, eu gosto de planear. E, ao contrário de mim, ela é completamente desinibida.

Tanto ela como o nosso pai gostam de atenção. O Luca e a Lavinia também. Da última vez que a família se reuniu, o meu irmão mais novo despiu a camisola para mostrar a tatuagem que tinha no peito: um leão, uma tartaruga, um flamingo e um macaco; e a Lavinia distribuiu convites para o seu espetáculo burlesco, cujo tema era *Os Marretas*.

Sempre pensei que eu era mais parecida com a nossa mãe. Mas, em dezembro, ainda a tinta da caneta não tinha secado nos papéis do divórcio, ela mudou-se para a Colúmbia Britânica, do outro lado do país. Tínhamos crescido a ouvir histórias sobre a temporada que ela passara a colher e embalar cerejas em Okanagan Valley nos anos oitenta. Sobre a velha carrinha pão de forma. Sobre uma amiga chamada Cinnamon. Sobre acampar no meio dos campos. Aquela versão da mãe parecia tão rebuscada quanto os contos de fadas. Mas deixou de o parecer quando ela anunciou que tinha retomado o contacto com a Cinnamon e que iria trabalhar numa vinha biodinâmica em Kelowna. A nossa mãe caseira, dona de casa, vive agora a mais de três mil quilómetros de distância, e serve copos de *pinot noir* e *viognier* numa sala de degustação com vista para o lago Okanagan.

— Como está a minha sobrinha? — pergunto à minha irmã.

A Heather casou cedo. Engravidou cedo. Divorciou-se cedo, também. Eu vivi com ela durante uns anos depois da separação, quando a minha sobrinha era bebé. A Heather estava determinada a terminar o curso de Direito, mesmo com uma recém-nascida. A Bennett tem agora 13 anos.

— Escusas de usar a minha filha como uma tática para mudar de assunto — diz ela, dirigindo-se para o meu quarto, com o saco na mão. Ouço-a a abrir a minha mala. — Vou precisar de provas fotográficas de que o usaste — avisa.

Eu mostro-lhe uma expressão carrancuda quando ela volta.

— O que foi? Vais ficar sexy com aquele vestido.

— É disso mesmo que a Nan precisa.

A Heather aperta-me a cintura, que está coberta por uma camisa de dormir às riscas azuis e brancas, e eu afasto-lhe a mão.

— O que é que estás a fazer?

— Estou só a confirmar que está um corpo por trás de todo esse algodão. Já não tinha a certeza.

— Ah, ah.

Uma linha surge entre as suas sobrancelhas escuras.

— Estou a falar a sério. Não te permitas desvanecer só porque o Trevor se foi embora.

Eu vacilo perante o nome do meu ex, depois repreendo-me por ser tão frágil. Pergunto-me se seria mais fácil se ele não tivesse seguido em frente tão depressa.

O rosto da Heather suaviza-se.

— Mostra àquele vestido como te sabes divertir, Ali. Ambos merecem.

— Logo se vê.

Ela olha para mim como se eu fosse um caso perdido, depois dá-me um beijo na bochecha.

— Tenho de ir. A Bennett vai dormir a casa de uma amiga esta noite, e eu vou ter com alguém.

— Com qual deles?

A Heather é uma pessoa demasiado ocupada para namorar, mas tem uma pequena lista de amigos coloridos.

— É alguém novo. Só vai estar na cidade esta noite.

— Ah.

É mais uma das diferenças entre mim e a Heather: eu nunca fui para a cama com alguém que não amava. Não consigo imaginar-me a ter um caso de uma noite. Mas, dado que não tenho intenções de me atirar para outra relação tão cedo, poderei ter de repensar a minha estratégia.

— Esse «ah» soou-me muito julgador — diz a Heather.

— Não estou a julgar. Sou apenas uma irmã razoavelmente preocupada. Tem cuidado, está bem?

— Sempre. — A Heather envolve-me num abraço que me deixará a cheirar a perfume durante o resto da noite. — Voltamos a ver-nos em breve, certo?

— Daqui a algumas semanas. — Ela vai levar a Bennett à cabana para passar uma semana connosco. Mal posso esperar. Três gerações de mulheres Everly sob o mesmo teto é a minha ideia de paraíso.

— E tu vais voltar à cidade para a exposição, certo? — pergunta. Eu semicerro os olhos.

A Elyse está prestes a inaugurar uma galeria em Davenport, e a *Por Detrás da Câmara* é a sua primeira exposição, assim como o primeiro grande evento no qual fui convidada a participar. Foi um momento inacreditável: a minha antiga professora de fotografia, uma mulher que eu idolatro, a querer representar-me. Depois, disse-me que fotografia queria expor e o meu coração caiu-me aos pés. Mas como poderia eu dizer que não, quando toda a gente sabe que a Elyse Cho tem um gosto impecável? Já se passaram anos desde que ela foi minha professora, mas ainda estou a tentar encontrar o equilíbrio na nossa amizade. Continuo a vê-la como minha superior em vários aspetos.

— Logo se vê — respondo à Heather. — Não tenho a certeza se vou conseguir.

Uma das vantagens de não estar por cá durante o verão é que isso me dá uma boa desculpa para não ir à festa de inauguração.

— Tartaruga — diz a Heather —, *tens* de voltar.

— Claro — respondo, empurrando-a em direção à porta. — Adoro-te, Leão.

— Adoro-te mais.

Quando ela se vai embora, abro as fotos da sessão dos fatos de banho no computador. O prazo termina amanhã e já as editei. Duas vezes. Numa das versões, as mulheres foram «retocadas» da forma

que a Willa quer. Na outra, eliminei algumas borbulhas e arranjei uns cabelos despenteados, mas não toquei na celulite.

Eu amo fotografia. Há mais de dez anos que sou fotógrafa profissional e sinto-me sortuda por poder ganhar a vida desta forma. Mas achava que, se provasse aquilo de que sou capaz, chegaria a um ponto em que estaria a trabalhar para alcançar a minha própria visão, não a de outras pessoas. Por isso é que aceitei este projeto. Tal como a maior parte das revistas, a *Swish* não tem os orçamentos enormes que costumam acompanhar as campanhas publicitárias; a Willa prometeu compensar isso ao dar mais liberdade criativa aos colaboradores.

Penso no que a Elyse faria. Ela compreende a realidade de colaborar com editores de fotografia, mas *respeita* a visão artística. Solto um suspiro e fecho o computador. Ainda tenho mais um dia para decidir que fotos irei submeter.

O meu telemóvel vibra com uma mensagem.

**Charlie:** Está tudo pronto para ti, Menina da Cidade. As chaves estão na casa de banho exterior.

*Menina da Cidade?* Eu posso não estar preparada para me impor no trabalho, mas posso resolver *isto*.

**Eu:** Obrigada.

**Eu:** Mas, para que conste, o meu nome é Alice Everly.

**Charlie:** Entendido. Fico à espera de te conhecer, Alice Everly.

## Sexta-feira, 27 de junho

Primeiro dia no lago

É a última sexta-feira de junho e o sul de Ontário está a caminho dos lagos. O trânsito está intenso. Vamos demorar bem mais do que quatro horas a ir de Toronto a Barry's Bay, uma vila na zona norte do lago Kamaniskeg.

A Nan tem estado em silêncio desde que saímos da estrada nacional 401 e rumámos a norte. Com a cidade, subúrbios e periferias atrás das costas, a sua atenção está voltada para a vista que nos rodeia. Primeiro, campos e terrenos agrícolas. Agora, florestas e água doce. Passamos pela ponte de Burleigh Falls, e ela suspira ao avistar os rápidos. Estamos numa estrada de uma só faixa e o trânsito está praticamente parado, pelo que desvio o olhar da estrada e aprecio a cascata de água branca.

— É engraçado como tão pouca coisa mudou — murmura a Nan.

Está vestida, como sempre, com uma camisa de colarinho branca e calças, um delicado colar de pérolas a adornar-lhe o pescoço e batom cor-de-rosa da *Chanel*. Tudo nela aparenta ser preciso, quase rígido, o que contrasta notavelmente com a sua personalidade brincalhona. Mas a minha Nan que adora a vida ainda não voltou a si. Tenho a sensação de que não está aqui comigo, mas sim perdida em memórias de viagens anteriores à cabana. Há mais de dez anos que ela não vem cá.

O meu temporizador começa a tocar. Tirei apontamentos durante a última consulta da Nan. E também li quase todos os artigos sobre cuidados pós-operatórios disponíveis na Internet. Exercícios deitada. Pequenas caminhadas. Gelo. Ela não pode estar sentada durante longos períodos de tempo, pelo que encosto o carro de hora a hora para ela poder movimentar-se.

— Preciso de encontrar um lugar onde possamos parar um pouco. Consegues fazer aqueles exercícios de contração da perna que o fisio-terapeuta te mostrou até eu encontrar um?

Sinto os seus olhos azuis pousados em mim.

— Já me fizeste vestir estas meias de descanso. Eu estou bem. Não há de ser um coágulo que me irá matar nos próximos dez minutos.

Pois não, porque eu não vou deixar.

— Nan, faz os exercícios de contração, se faz favor.

Ela baixa os óculos.

— Não estás a relaxar.

— Estou, sim. Estou muito relaxada. — Na verdade, acordei às cinco da manhã e passei o tempo a ver e rever a lista de coisas que precisávamos de trazer.

A Nan vira a cabeça, olhando pela janela mais uma vez.

Já entrámos no país das cabanas. Cartazes enormes publicitam engodo e material de pesca, parques de campismo e arrendamento de cabanas, marinas e canoagem. Placas amarelas alertam os condutores para a travessia de veados e tartarugas.

Paramos no Kawartha Dairy, em Bancroft, para comer gelado. Ela pede sabor a laranja e ananás, eu escolho o de cereja, e comemo-los no carro, enquanto embarcamos rumo à fase final da viagem. A estrada passa por acentuados rochedos de granito, e os rios e pântanos brilham sob o sol do início do verão. Quanto mais avançamos para norte, mais densa é a floresta e menos intenso o trânsito, mas temos uma fila de carros à nossa frente. Alguns deles levam barcos a reboque. Outros têm caiaques ou canoas amarrados ao tejadilho.

Estas horas passadas no carro são um ritual para os amantes das cabanas: a peregrinação da cidade para o lago, costume passado de geração em geração, juntamente com o amor pelo ar fresco e pelos céus intermináveis, assim como a capacidade de saltar para água gelada.

A minha família não participava nesse costume. O verão em que a Nan me trouxe a mim, ao Luca e à Lavinia ao lago, há dezasseis anos, foi a primeira vez que eu experienciei a vida fora de Toronto. Saboreei cada momento. O John e a Joyce tinham ido viajar nesse ano. O pai estava a trabalhar num processo, e a minha avó queria dar um descanso aos meus pais. A Heather recusou-se a sair da cidade, então a Nan trouxe-nos a mim e aos gémeos a Barry's Bay. Lembro-me de que a vila era pequena, o oposto do bairro apinhado onde vivíamos.

— Ali está — diz ela, quando contornamos a beira de um penhasco —, a extremidade do lago Kamaniskeg. Estamos quase a chegar.

Arquejo perante a enorme extensão de azul e as pequenas ilhas que pontilham a sua superfície.

A medida que nos aproximamos de Barry's Bay, a água reluz de um dos lados do meu carro; o movimentado Pine Grove Motel fica do outro. Dez minutos mais tarde, estamos na Bare Rock Lane, um troço de estrada de terra batida, rodeado por densa floresta. Pela janela, pedaços de lago surgem por entre os ramos e arbustos. À entrada da propriedade, numa placa pregada a um ácer, está escrito KALINSKI. Um caminho de terra leva a uma cabana de madeira castanho-escura.

A Nan suspira quando a avista. É uma cabana clássica, construída nos anos vinte e situada numa colina arborizada acima de Kamaniskeg. Tem uma chaminé de pedra e um telhado de chapa vermelho-vivo que condiz com as portadas. As floreiras à janela têm plantadas *impatiens* cor de papoila. Parece um sítio onde só podem acontecer coisas boas. Estaciono ao lado de uma fileira de lenha bem organizada.

— Queres que te ajude a sair? — pergunto à Nan, reparando que tem as mãos pousadas firmemente no colo.

Ela abana a cabeça, sem desviar os olhos da cabana.

— Acho que vou ficar aqui sentada enquanto procuras as chaves.

Eu saio do carro e inspiro tudo o que me rodeia. Sol sobre cedro. Musgo sobre rocha. A frescura impoluta do ar campestre. Os sons da vida no lago. Ondas a rebentar contra a margem. Uma motosserra longínqua. Um esquilo a correr por um campo de morangos-silvestres.

Galhos e agulhas de pinheiro secas partem-se sob os meus pés quando me dirijo à parte de trás da casa, em busca da casa de banho exterior, onde o Charlie disse que eu encontraria a chave. Quando não a vejo, dou a volta pelo outro lado da cabana. Deparo-me com uma vista para o lago. É uma assoberbante mancha de água límpida, tão espetacular que paro para a apreciar durante um momento. Mas não vejo barraca nenhuma.

Regresso ao carro.

— Fazes ideia de onde é a casa de banho exterior?

A Nan franze a testa.

— Nem sabia que havia uma. Pelo menos, que eu me lembre.

Dou a volta ao edifício e continuo sem a encontrar.

— Merda — digo ao gaio-azul que me observa dos ramos de uma árvore. — Merda — digo ao abeto e ao ácer.

Tiro o telemóvel do bolso e ligo ao Charlie. Ele atende ao primeiro toque.

— Olá, Alice Everly — diz o meu nome devagar, pronunciando o erre de Everly roucamente. Uma sensação agradável percorre-me as costas.

— Charlie, olá. Acabámos de chegar à cabana, mas não encontro a casa de banho.

— Comigo está tudo bem, Alice. E tu, como estás?

— Magnífica — respondo secamente. O que é que se passa com este tipo? — E tu?

— Melhor agora que estou a falar contigo.

Reviro os olhos.

— Onde é que estás? — pergunta ele.

— Ao lado da pilha de lenha.

— E o que é que tens vestido?

A raiva aquece-me as bochechas.

— Estás a falar a sério?

Ele ri-se.

— Por norma, não. Mas neste caso estou a perguntar sobre o teu calçado. O caminho até à casa de banho está coberto de vegetação.

Olho para as minhas sandálias.

— O meu calçado não vai ser um problema.

— Vai até à porta das traseiras, a que dá para a mata.

Eu faço o que o Charlie diz.

— Já está.

— Olha para a colina.

A encosta está coberta de silvas e rebentos de árvores. Por entre o matagal, avisto uma pequena barraca de madeira com telhado de colmo a alguns metros de distância. Não admira que eu não a conseguisse ver: está praticamente camuflada. Provavelmente, não é utilizada há uns cinquenta anos.

— Podias ter escolhido um sítio mais acessível para deixar a chave — digo.

— Houve alguns casos de invasão perto do lago. Em princípio, eram miúdos à procura de álcool. Eu não quis deixar a chave debaixo do tapete. Mas, se precisares de ajuda, consigo estar aí daqui a cinco minutos.

— Isso não será necessário — respondo.

— Tu é que sabes. Até breve, Alice Everly.

— O que é que queres dizer com *breve*? — pergunto, mas ele já desligou.

De mãos apoiadas nas ancas, olho para a casa de banho. Ao contrário daquilo que o Charlie pensa, eu não sou o tipo de pessoa da cidade

que não consegue sobreviver sem ter um porteiro e um Starbucks ao lado de casa. Tenho orgulho em ser autossuficiente. Eu resolvo problemas; não sou o problema. Sou a amiga a quem pedes ajuda para fazer uma mudança ou para construir uma pinhata em forma de cavalo-marinho para a festa de aniversário da tua sobrinha. Eu sou *essa* amiga. Competente. Confiável. E consigo lidar com o que quer que seja, incluindo ser deixada pelo homem com quem pensei um dia casar. Incluindo descobrir que, dois meses depois disso, ele está noivo. E, certamente, consigo ir buscar uma chave a uma barraca, mesmo que ela se pareça com o cenário de um filme de terror.

Por isso, subo a colina. O caminho não está coberto de vegetação; ele simplesmente não existe. Afasto ramos, ignorando a dor quando algo me arranha as canelas. Há um trinco de madeira na porta e, quando o puxo, ela abre-se, o que quase me faz cair para trás.

Está tão escuro lá dentro, que apenas consigo distinguir o tampo de uma sanita de plástico branco, assente numa plataforma elevada. Semicerro os olhos e vejo uma prateleira de revistas afixada na parede e uma pilha de edições antigas da *Cottage Life* no parapeito que está por baixo. Vou apalpando até os meus dedos tocarem num pequeno objeto metálico. Mas depois ouço algo atrás de mim. Levanto o olhar e quatro pares de olhos hostis fixam-me atentamente. Guaxinins.

Se há coisa que os habitantes de Toronto sabem sobre vida selvagem é que nunca nos devemos colocar entre a mãe guaxinim e os seus bebés. O maior deles começa a fazer um rosnido baixo e eu viro-me para trás, perdendo o equilíbrio e caindo pela porta fora. Com um *au*, aterro em cima de uma pedra.

Afasto a sujidade com a mão, sibilando, e coxeio de volta à cabana, rogando pragas ao Charlie.

- Estás bem? — pergunta a Nan, de dentro do carro.
- Deparei-me com uns vizinhos de quatro patas. Mas estou bem.
- Estás a sangrar.

Olho para as minhas pernas e, de facto, estou a sangrar. Tenho as canelas cobertas de vergões vermelhos, e os meus lindos calções de linho estão cheios de carrapichos.

Maldito Charlie Florek.

Por dentro, a cabana é quase exatamente como eu me lembrava. As paredes de madeira nodosa têm um tom castanho-dourado e a mobília não condiz: um sofá de dois lugares, um cadeirão em padrão floral e uma poltrona de couro onde me costumava sentar quando era adolescente. Curiosamente, não há uma mesa de centro; podia jurar que dantes havia um baú, onde se guardavam os puzzles e jogos. Há uma linda lareira de pedra, um conjunto de acessórios em ferro ao lado de uma caixa de lenha miúda e jornais, e a estante da Joyce, ainda repleta de romances comprados em papelarias. A cabana fica situada mesmo acima da água, e toda a parte da frente é feita de vidro. Eu fico ali parada, a abanar a cabeça, incrédula perante a beleza da vista.

E, sem mais nem menos, volto a ter 17 anos, tenho vestida a minha túnica de praia de tecido felpudo e uma câmara pendurada ao pescoço. Estou livre do Trevor, das *sugestões de celulite*, da sensação de que há meses que não tiro uma foto que *me* represente. Olho pela janela e consigo ver o Luca e a Lavinia de 8 anos a saltarem do cais e uma lancha amarela a rasgar a água.

Mas depois pestanejo e regresso ao meu corpo de 32 anos. Observo a baía vazia, perguntando-me se haverá forma de voltar atrás.

Ajudo a Nan a ir com o andarilho até à cabana, ignorando o seu pedido para o fazer sozinha. Ela olha em torno da sala, com um olhar trémulo. Eu aperto-lhe a mão.

— Achas que conseguimos aguentar aqui dois meses juntas? — pergunto.

Ela acena, mas não diz nada. O seu olhar pousa na estante e eu vejo-a engolir em seco.

— Preciso de um chá — diz a Nan, dirigindo-se à cozinha. Ela bebe uma chávena de chá preto (com uma colher de açúcar e um pouco de leite) todas as tardes, por volta das três horas. Já são quase quatro.

— Eu posso tratar disso — ofereço.

Ela dá uma palmada no ar.

— Não estou incapacitada, Alice. Posso muito bem pôr a chaleira ao lume. E, segundo as ordens do médico, tenho de fazer sozinha tudo aquilo que conseguir.

— Está bem. — Olho para o tapete gigante na sala de estar. Alguém pode tropeçar nele, e é quase certo que causará problemas ao andarilho da Nan. Parece que, afinal, o Charlie não tratou de tudo. — Eu vou tirar o tapete. Se precisares de ajuda, diz.

A cabana fica virada para sul, e o sol transformou-a numa sauna. Depois de empurrar o sofá e o cadeirão de cima do tapete, já tenho o cabelo a encaracolar junto à nuca. Ajoelho-me num dos lados, para o poder enrolar, mas está pregado ao chão.

— Alice? — chama a Nan.

— O que foi? — Levanto-me e apresso-me a ir à cozinha, onde a encontro a segurar uma folha de papel.

— Já viste isto?

Ela entrega-ma.

— Estava no frigorífico — diz a Nan.

Um dos lados da folha está rasgado, por ter sido arrancada de um caderno de espiral, e ambas as páginas estão cobertas de tinta preta. Quando termino de ler, tenho os ouvidos a zunir.

Tenho sonhado passar um verão tranquilo junto à água. Imaginei longas caminhadas e nasceres do sol, mergulhos a meio da tarde e noites aconchegantes com um livro. Imaginei paz, descanso e pôr o trabalho em dia.

Mas não poderia prever o Charlie Florek.

*Alice Everly (não Menina da Cidade),*

*Sei que aprecias uma boa lista, portanto, aqui está o que eu fiz para garantir que a cabana está adequada:*

- Todos os tapetes e carpetes foram retirados, com exceção do grande, na sala. Mas eu coleio-o ao chão, pelo que não deverá causar problemas à tua avó. Também afastei a mobília, para desimpedir o caminho para a cozinha, alpendre, casa de banho e quarto.*
- Tirei o baú que o John utiliza como mesa de centro, para haver mais espaço para o andarilho dela. Podes encontrar os jogos, puzzles e um baralho de cartas na prateleira do armário do segundo quarto. Em breve, irei trazer-te um par de mesinhas de apoio.*
- Coloquei barras de apoio na casa de banho e tiras antiderrapantes no duche. Trouxeste um banco para ela utilizar no duche? Se não, há uns à venda na farmácia, na vila. Também instalei um assento sanitário elevado. O John insistiu em cobrir os custos de tudo isto, pelo que não será necessário reembolsares-me.*

- *Preparei o quarto maior para a tua avó. Tirei uma das mesas de cabeceira e pus a cama junto à parede para lhe dar mais espaço.*
- *Coloquei luzes de presença no quarto dela, assim como espalhadas pela cabana, para que ambas possam deslocar-se em segurança no escuro.*
- *Também reorganizei as coisas da cozinha, de forma que os itens do dia a dia estejam mais acessíveis.*
- *Esta cabana aquece como o caraças. Está uma ventoinha no quarto da tua avó, mas se precisares de outra para ti, diz-me. Eu tenho uma extra.*
- *O barco está estacionado. O depósito está cheio.*
- *Está uma marmita com pierogies de queijo e batata no congelador, caso precisem de um jantar mais fácil esta noite.*
- *(Quão impressionada estás neste momento? Envia-me uma foto da tua cara.)*

Charlie

Do outro lado, está uma lista das tarefas que irá fazer a pedido do John: substituir um degrau solto nas escadas que dão para o lago, adicionar um corrimão, desbastar um pouco a vegetação e repintar o terraço. Ele deixou informação sobre a lareira, a Internet e a água (potável, de um poço). Depois, uma nota final: *O John pediu-me que cuidasse de ti e da tua avó, e eu prometi-lhe que o faria. Estás com sorte: iremos ver-nos a toda a hora este verão.*

Fico a olhar para a carta. Até a sua letra descuidada parece petulante. Este homem tem *muita* confiança em si próprio. Sinto uma pequena pontada de inveja.

— Isto é ridiculamente detalhado — murmuro.

— Eu diria que temos um anjo da guarda — diz a Nan, soando mais animada do que antes.

Volto a ler a carta e solto uma gargalhada. Só se for um anjo caído. *Quão impressionada estás neste momento? Envia-me uma foto da tua cara.*

— Parece que o nosso anjo se tem em grande consideração.

Acabamos por comer os *pierogies* ao jantar. São caseiros e estupidamente deliciosos.

— Sabias que fui eu quem fez aquelas cortinas por cima do lava-louça? — diz a Nan enquanto eu estou a lavar os pratos.

A cozinha fica escondida num dos lados da cabana, um pouco afastada do resto do espaço, mas, pela janela, vê-se uma linda vista da floresta. Eu abri-a, assim como todas as outras janelas da cabana. O Charlie tinha razão: está um calor do caraças aqui dentro.

— Parece obra tua — digo à Nan, analisando o tecido de renda amarelecido, pendurado numa barra extensível.

— A Joyce não sabia costurar. Nem sequer remendar um rasgão. Eu é que fiz as bainhas de todas as calças do John.

— Vou lavar as cortinas amanhã — digo. — Pode ser que consiga torná-las um pouco mais brancas.

— Devias...

— Pendurá-las ao sol, eu sei. — Foi a Nan quem me ensinou tudo o que sei sobre tratar de tecido e de roupa. Ela consegue remover qualquer nódoa, e é uma excelente costureira.

— Queres fazer um puzzle? — pergunto depois de arrumar a cozinha. Já aqui passámos muitos serões a fazer puzzles depois de os gémeos irem dormir.

A Nan está em frente à estante, segurando um frasco de vidro cheio de carteiras de fósforos.

— O que é isso?

O seu sorriso é triste.

— Memórias.

Atravesso a divisão e ela entrega-me o frasco. Tiro uma das carteiras. É azul-marinho e prateada, com o nome de um restaurante que não conheço na aba da frente e uma morada em Toronto escrita na parte de trás.

— Eles colecionavam isto para acender a lareira? — tento adivinhar.

— Não. Era uma brincadeira entre o teu avô e o John. Eles escondiam uma carteira de fósforos de cada vez que se visitavam. Estas são as que o teu avô escondeu aqui. Provavelmente ainda há algumas esquecidas por aí.

Parece-me seguro. Semicerro os olhos e espreito à minha volta. As traves seriam um ótimo esconderijo. Deve haver um escadote por perto.

— Alice — diz a Nan, e eu volto a dirigir-lhe a minha atenção.

— Não precisas de procurar os fósforos. Está tudo bem.

Pouso o frasco de novo na prateleira e decido discordar.

A Nan fica durante mais um instante a olhar para ele, para as décadas de amizade que contém. Deve ser difícil: regressar aqui passado tanto tempo, sem o avô e sem a Joyce.

— O teu verão vai ser excelente, Nan. Vou certificar-me disso. — Encontrei um coro no qual ela pode participar. E uma das igrejas organiza noites de sueca regularmente.

— Sei que sim. — Ela dá-me uma palmadinha no ombro. — Também quero que tenhas um ótimo verão. Solta o cabelo. Faz uma estupidéz. Faz algo *egoísta*.

— Vou passar dois meses num lago, sem outro plano que não seja passar tempo com a minha querida avó. É impossível fazer algo mais *egoísta* do que isso.

— Convidaste a tua sobrinha a passar cá uma semana para dares descanso à tua irmã — diz ela.

Eu franzo a testa.

— E então?

— E vais ser tu a pagar o aluguer do carro do Luca e da Lavinia quando eles vierem cá no teu aniversário.

— Não passei quase tempo nenhum com os gémeos este ano — respondo. — Não quero que vir cá seja um incómodo para eles. — Não tenho a certeza de que eles viriam se eu não cobrisse esse custo. A responsabilidade financeira não é o forte deles. Acho que o nosso pai ainda lhes paga a renda. Não que me esteja a queixar; ele também me ajudou a pagar a entrada do meu apartamento.

— Fizeste as minhas marcações no cabeleireiro — diz a Nan.

— Todas as segundas-feiras.

— E encontraste uma fisioterapeuta aqui na vila.

— Ela tem uma ótima reputação. E tratei da entrega do jornal para que possas fazer as tuas palavras cruzadas. — A Nan diz que isso a ajuda a exercitar o cérebro, mas a verdade é que ela é viciada na satisfação de as completar. E completa-as sempre. O cérebro dela não precisa de exercício.

— Tens tido em consideração todas as minhas necessidades, e estou-te grata por isso. Mas não quero que passes os dias inteiros a agir como minha enfermeira. O que é que vais fazer por ti própria?

— Tenho algumas fotografias para editar.

— Não estou a falar disso.

— Vou relaxar.

— E como é que vais relaxar?

— Bem... — hesito. — Vou ler, nadar, tirar fotos. — Respondo num tom incerto.

— E que mais?

Mudo o peso de uma perna para a outra. Agora que aqui estou, a ideia de preencher um verão inteiro de dias vazios parece-me

aterradora. Há quanto tempo é que eu não vivo sem um horário a cumprir?

— Tem de haver mais?

Ela sorri.

— Não sei. Diz-me tu.

A Nan adora estar ocupada. Joga golfe, canta em vários coros, faz biscoitos de manteiga e compotas de pêsego para os eventos de angariação de fundos da igreja. Quando eu e a Heather éramos pequenas e íamos a casa dela, também mantinha as nossas mãos e mentes ocupadas. Ensinou-nos a tirar as ervas daninhas dos canteiros de flores e a regar as floreiras penduradas. Decorámos bolos, bordámos pássaros e borboletas em retalhos de tecido. Aprendemos a costurar sacolas simples e tricotámos gorros para os gémeos. Eu adorava tudo, mas a Heather frustrava-se facilmente. Ela afirma não ter uma veia artística, mas isso não é verdade. A forma como ela estrutura a sua argumentação jurídica parece poesia.

— Sabes que mais — digo enquanto a Nan se senta no cadeirão —, há muito tempo que não costuro nada.

Ela levanta os dedos artríticos.

— Já somos duas. Tenho saudades de o fazer. Lembras-te do vestido do teu baile de finalistas?

— Claro que sim. — Era azul-escuro, com um laço na parte de trás do pescoço, que descia em cascata até à cintura. — Talvez devêssemos colaborar noutra projeto este verão. O teu conhecimento e as minhas mãos. — Um projeto para nos mantermos ocupadas.

A Nan sorri.

— Tens alguma coisa em mente?

— Devíamos começar com algo simples — penso. — E se fizéssemos cortinas novas para a cozinha?

Os olhos dela brilham, e eu sinto uma onda de carinho.

— Cortinas, sim — diz ela, observando o espaço. — Esta casa já está com um ar um pouco desgastado, não está?

— É... rústica. — A mobília já deu o que tinha a dar, mas eu não me importo. A cabana do John é aconchegante, vivida. A antítese do meu apartamento.

— Podíamos dar-lhe uma nova vida — diz a Nan. — Não seria preciso muito. Cortinas. Fronhas. Uma nova toalha de mesa. — Ela olha para as traves. — O que é que achas, Joyce? — Às vezes a Nan faz isto: fala com pessoas que já morreram, normalmente com o meu avô. O seu olhar volta a dirigir-se a mim, decidido. — Vamos precisar de uma máquina de costura.

— Considera-o feito — respondo, ainda que não faça ideia de onde posso encontrar uma nesta vila, ou se as lojas online fazem entregas aqui. Estamos no meio de nenhures.

— E tecido — acrescenta a Nan. — Os armazéns Stedmans costumavam ter uma boa seleção. Começemos por aí.

— Achas que o John se irá importar? Talvez devêssemos perguntar-lhe primeiro.

A Nan resfolega.

— Nós poderíamos pintar as paredes de cor-de-rosa, e o John nem iria reparar.

Rio-me. O avô também era assim.

— Então, o que achas de fazermos um puzzle?

— Hoje não estou com muita vontade. — Ela boceja. — Foi um dia cansativo. É melhor ir para a cama e ler um pouco.

Coloco o andarilho à frente dela e dou-lhe um beijo na bochecha.

— Bons sonhos, Alice — diz ela. — E não te esqueças...

Eu sorrio. Porque, até este momento, tinha-me esquecido de como terminavam todos os dias daquele verão em que eu tinha 17 anos.

— No lago, acontecem coisas boas — termino.

Ela acena uma vez.

— No lago, acontecem coisas boas.



Mesmo com as janelas escancaradas, a cabana continua um forno, pelo que sigo o sábio conselho da Nan e visto o fato de banho às riscas e um cafetã de algodão branco. Tem um bonito bordado azul que condiz com o meu fato de banho. Quando o comprei, não fazia ideia de como seria o meu verão, mas tinha a certeza de que esta túnica iria fazer parte dele.

Sirvo-me um copo de água gaseificada com gelo e vagueio pelo alpendre até ao terraço, onde um triângulo de aspeto antigo, que servia de campainha para o jantar, está pendurado junto à porta. Já me havia esquecido dele, mas ao passar os dedos pelo metal, recordo-me do Luca, de pé em cima de um banco, a tocá-lo até a Nan lhe pedir que parasse.

O terraço é uma plataforma de madeira, assente na saliência rochosa sobre a água: o local perfeito para admirar a vista. É ainda mais linda do que eu me lembrava. À minha frente, a água estende-se por mais de um quilómetro e meio, com as encostas verdejantes das margens ocidental e oriental de cada lado. O céu é uma interminável tela rodopiante de lavanda e rosa contra azul-escuro, refletida na superfície plana do lago.

As escadas descem do terraço até ao cais, que se estende pela costa rochosa. De um dos lados, está atracado um barco de alumínio com três bancos e um pequeno motor. Penso que ainda me lembro de como conduzi-lo. Antes de termos cá vindo quando eu era adolescente, a Nan fez-me tirar a carta de marinheiro, mas desde aí que não lhe dou uso. Há um pequeno areal de praia, e a casa do barco fica ao fundo. Tem uma base de pedra, um sótão no piso de cima e um pequeno terraço sobre a água. Pouso a minha toalha e a túnica nas costas de uma cadeira Muskoka vermelha, e sento-me na beira do cais, com os pés a baloiçar dentro de água.

Não tendo a certeza da profundidade, deslizo lá para dentro em vez de saltar. É como deslizar pelo pôr do sol. Aqui estou eu, a dias do meu trigésimo terceiro aniversário, no mesmo lugar onde nadei

enquanto adolescente, quando comecei a abrir os olhos à imensidão do mundo que existia para lá do meu.

«Vai explorar», disse-me a Nan quando me ofereceu a câmara há dezasseis anos.

E fui. Fotografei todos os recantos desta costa. Aventurei-me pela mata e documentei pássaros e insetos, cogumelos e musgo. Captei líquenes verde-pálidos nas rochas, e as flores silvestres que cresciam ao longo do caminho que dá para a entrada. Aquilégias, lírios e ásteres. Colhia montes deles para a Nan, e ela usava-os para fazer arranjos numa leiteira de cerâmica. Também fotografei isso.

Nunca parei de explorar. A minha câmara tem sido o meu passaporte, a minha autorização para ver novos sítios e conhecer novas pessoas, segura por detrás da minha lente.

Flutuo, de braços abertos, e olho para o céu a escurecer, para o roxo e vermelho que se aprofundam. Não sei ao certo quando começo a chorar, sei apenas que me sinto assolada pela enormidade da galáxia e pela minha insignificância.

Há seis meses, pensei que tinha tudo orientado. Trabalho, namorado, apartamento: estava tudo resolvido. E depois o Trevor deixou-me e eu fiquei sem chão. Não entendia o que tinha feito mal, quando dei o meu melhor para fazer tudo bem. Aceitei projeto atrás de projeto, tentando recuperar a sensação de controlo. Quando, dois meses depois da nossa separação, ele me disse que conhecera outra pessoa, que se iriam casar, aceitei ainda mais projetos. Retratos. Casamentos. Trabalho criativo para bancos e marcas de carros. Antes da queda da Nan, não tinha um dia de folga há nove semanas.

Tem sido a época mais atarefada da minha carreira, mas está longe de ser a mais gratificante. Construí a minha reputação dando aos clientes exatamente aquilo que querem; confiam em mim para cumprir o serviço sem lhes dar dores de cabeça. Convenci-me de que, se trabalhasse arduamente, alcançaria o final do arco-íris e seria

recompensada com uma onda de liberdade criativa. Mas o arco-íris não tem fim. Estou presa.

Depois do meu mergulho, enrolo-me numa toalha e sento-me na cadeira Muskoka, respirando o doce ar do entardecer e tentando esquecer os meus problemas em Toronto. Olho para as cabanas ao redor da baía. Há uma grande casa branca no cimo de uma colina, com uma mota de água em cima de um elevador e uma plataforma flutuante. Ao lado, uma pequena cabana de construção triangular. Provavelmente, ficam a menos de duzentos metros uma da outra, e ambas me são familiares. Era onde os adolescentes da minha fotografia mergulhavam, nadavam e conversavam durante horas. Consoigo imaginá-los a saltar para dentro de água. A rir. A namoriscar. A discutir. Eu tinha inveja deles. Descontraídos. Livres. *Felizes*.

Passam-se alguns minutos antes de dois miúdos aparecerem no cais da cabana triangular. Quando saltam para a água, um depois do outro, sinto que viajei atrás no tempo, que estou a ver uma memória do meu passado a acontecer diante dos meus olhos.

A inconfundível provocação entre irmãos viaja através da água. São mais novos do que o trio que passei o verão a observar. Nadam em direção à plataforma flutuante em frente à casa do lado e sobem pela escada. Eu rio-me quando a rapariga empurra o rapaz para a água. Voltam a subir para a plataforma e começam a competir para ver quem consegue saltar mais longe.

Relaxo na cadeira, fechando os olhos enquanto ouço os seus gritos de felicidade. Estou habituada ao ruído da cidade. Cresci com o barulho de fundo do trânsito e sirenes como canção de embalar. Mas tinha-me esquecido de como adoro a serenidade do lago. Respiro fundo, deixando-a preencher-me os pulmões.

Fico assim até os miúdos terem secado e voltado para casa, e não se ouvir nada além do rebaratar das ondas e do riso de adultos algures pela baía.

Mas depois ouço-o.

O motor é tão barulhento que perturba a tranquilidade antes mesmo de estar à vista.

Eu endireito-me enquanto o barco contorna a baía. Pestanejo algumas vezes, tapando a boca. Talvez tenha mesmo viajado no tempo. Porque o barco é amarelo.

E está a vir na minha direção.

## NO LAGO ACONTECEM COISAS BOAS

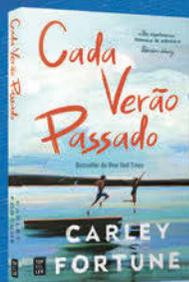
Alice passou um único verão em Barry's Bay com a sua avó Nan quando tinha 17 anos. Foi lá que tirou a fotografia de três adolescentes sorridentes num barco amarelo, uma imagem que havia de mudar a sua vida para sempre.

Agora, Alice é uma fotógrafa profissional que se sente mais confortável atrás da lente, sem dar nas vistas e deixando outras pessoas brilhar. Porém, ultimamente tem sentido falta de algo mais, tanto na vida profissional como pessoal, e, quando a avó parte a anca e se vê com longos meses de recuperação pela frente, Alice tem uma ideia: voltar ao lago, o lugar mágico que marcou a sua adolescência. Contudo, assim que lá se instalam, a sua calma é perturbada pelo som de um familiar barco amarelo e por quem o está a manobrar.

Charlie Florek tinha 19 anos quando Alice tirou aquela fotografia à distância. Agora, é um homem atraente e cativante que provoca gargalhadas a Nan e faz Alice desejar ter novamente 17 anos. E era mesmo disso que ela precisava: dias quentes e ociosos de verão na companhia de Charlie. Na verdade, ela só queria uma amizade descomprometida... o que não esperava era encontrar tanto carinho naqueles olhos verdes.

Porque embora Alice estivesse habituada a observar os outros, nunca tinha conhecido ninguém que olhasse verdadeiramente para ela.

A não  
perder!



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-978-0



9 789895 839780